



Theophilo Benedicto Ottoni.

Exc. J. Schuchert & Co. Lith.

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI



historia politica do Brasil não remonta ás épocas convulsivas de organização primitiva dos povos europeos, e com cuja antiguidade e alternativas gloriosas a sua vaidade nacional se ensoberbece, como de pergaminhos que attestam uma origem remota e preclara; todavia, apesar dos primeiros passos da nação brasileira, no caminho conhecido dos grandes estados, datarem de menos de meio 'seculo, as paginas dos seus fastos registram já successos e nomes de homens que resumem a importancia politica e o impulso social das potencias que contam após de si largos annos de existencia definida. A historia do Brasil póde-se dizer que é o écco das mais altivas aspirações e dos acontecimentos mais audaciosos que fizeram tremer o solo da França no ultimo quartel do seculo passado, e percorreram de-

pois a Europa inteira, indo fermentar nas plagas de além-mar a emancipação das duas Americas. As idéas proclamadas por Washington e Jefferson encontraram no peito brasileiro a ancedade de independencia que, traduzida depois em factos, contribuíra para a mais rica e vasta colonia portugueza se transformar no imperio florescente que fecha em suas mãos as riquezas commerciaes do Oceano Transatlantico. E d'ahi por diante todos os abalos da velha Europa se reflectiram nas terras da Santa Cruz, como se aquelle paiz, tão bafejado pela providencia dos mais uberrimos dotes naturaes, quizesse vencer no decurso apenas de alguns annos o largo estadio de progressos politicos que as outras nações lograram só percorrer no fim de seculos.

E este mesmo nobre e altivo desejo de independencia, esta força de convicção que deu a conhecer aos brasileiros o que podiam e os destinos para que eram fadados, explica a natureza dos successos e o character dos homens que os personificaram, que os engrandeceram, e que, em seguida, os tornaram triumphos politicos que constituíram uma poderosa nacionalidade, hoje respeitada e collocada apar das primeiras do mundo conhecido.

D'essa numerosa lista de individuos notaveis, a quem a philosophia da historia baptisa com o nome de agitadores, quando a cubiça é o unico sentimento que os leva a despenhar os povos nos precipicios das revoluções, e a quem os generosos instinctos da humanidade reputa seus apóstolos e evangelisadores quando nobres intuitos de melhoramento social lhes inflammaram o espirito e o coração, d'essa numerosa lista, repetimos, com que o Brasil se honra, porque n'ella resume o seu passado de gloria e o germen das suas tradições, destaca o nome de Theophilo Benedicto Ottoni, um dos primeiros vultos do partido democratico.

E não é á excellencia do seu credo politico, que não exaltamos aqui, nem tão pouco depreciamos, porque não é para a indole d'este periodico entrar em apreciações d'esta natureza, mas á isempção do seu character, á integridade da sua independencia, e ao vivo amor ás instituições liberaes que unicamente conseguem felicitar os povos, que o sr. Theophilo Ottoni deve a importancia da sua valia politica e a estima de amigos e adversarios.

A vida d'este notavel cidadão brasileiro consubstancia a historia dos acontecimentos politicos do Brasil nos ultimos trinta annos. Nas suas aspirações patrioticas; nas suas idéas de reforma; no seu culto ás principaes instituições do systema repre-

sentativo — a tribuna e a imprensa, encontra-se o caracter franco, leal, arrebatado pelos ardentes intuitos de independencia, desprendido de qualquer genero de interesse peculiar, aberto a todo o pensamento grande e fecundo, que dá a lembrar ao mesmo tempo o arrebatamento civico e a nobre generosidade de alma de Manuel Passos e José Estevão. Pertence de certo a esta grande dynastia de homens benemeritos pela larga esphera do seu espirito reformador aquecido pelos impulsos sempre puros e generosos do coração. Até pela doutrina democratica, cujos dictames tem sido ao mesmo tempo o ideal e o esforço pratico de todos os seus actos publicos, se deve considerar o sr. Theophilo Ottoni irmão d'estes grandes vultos do nosso partido liberal. Os mesmos principios em todo o credo de reforma social; uma afinidade completa a respeito dos deveres moraes do homem de partido; até muitos dos mesmos sacrificios e riscos que trazem consigo as convulsões revolucionarias, os aproximam e lhes dão quasi feições identicas.

A circular que elle dirigiu aos eleitores de Minas Geraes, em setembro de 1860, é a expressão completa d'estes principios, e ao mesmo tempo o retrato moral e politico do liberal sincero. — « Mais uma vez ambiciono ser representante da nação, (escreve o sr. Theophilo Ottoni n'este celebrado documento). Solicito « uma cadeira na camara temporaria. Ahi póde collocar-me a « vontade dos eleitores, sem dependencia de reforma. Se for eleito, tenciono empenhar-me na milicia activa da politica. E não «o poderei fazer com vantagem sem um mandato explicito e « significativo. Este deve basear-se na enunciação franca das minhas aspirações. Relevare-me-heis, pois, se vou fallar de mim « mais amplamente do que é de estylo em taes occasiões. Sigo « a praxe dos antigos. Não eram sómente quando pleiteiavam « eleições populares que os romanos se explicavam com a nação. « Não córavam de escrever para os contemporaneos a narrativa « dos actos da sua vida, por mais modestos que fossem. O escriptor tinha confiança nos costumes singelos de seus concidadãos. E os cidadãos acoroçoavam essas manifestações, longe « de condemnal-as por immodestas. *Plerique suam ipsi vitam narrare, fiduciam potius morum quam arrogantiam arbitrati: nec id « Rutilio et Scauro citra fidem aut obtrectationi fuit.* Firmado n'estes exemplos, ousarei pôr diante de vossos olhos o meu modesto passado. Ao menos poderei provar-vos que desde os mais « tenros annos tenho sido constante servidor da liberdade e do « governo constitucional.»

E em seguida, o sr. Theophilo Ottoni passa com effeito a pro-

var estas arrojadas asserções, que andam facilmente na boca do partidario, mas que os actos da vida publica nem sempre attestam.

Esta circular é propriamente a biographia politica d'este brasileiro illustre, e como todos os seus pensamentos, desde os tenros annos, tem sido sempre dedicados ao progresso politico e moral da sua patria, póde-se affoitamente asseverar que a sua mesma historia intima transluz n'este documento, porque os pensamentos, alternativas e as proprias crises do homem particular se influem das idéas do cidadão, do jornalista e do tribuno. Para melhor dizer, a vida do sr. Theophilo Ottoni offerece um dos exemplos da vida dos romanos da antiga republica, que pensavam, existiam e ambicionavam para a patria, pois viam n'ella os seus destinos, e a quem a patria adoptava como suas personificações gloriosas.

E esta verdade examina-se e conhece-se para logo com a rapida leitura da notavel publicação a que nos referimos, onde nos apparecem referidos com a singeleza de uma grande lealdade todas as circumstancias porque tem passado o chefe do partido democratico do Brasil. Percorramos as mais principaes d'essas circumstancias.

O sr. Theophilo Ottoni matriculou-se a 1827 na Academia de Marinha, quando contava vinte annos de idade. Os seus estudos foram logo coroados, no fim do primeiro anno, com um exame que maravilhou a todos, o que determinou o ministro da marinha de então, Diogo Jorge de Brito, a expedir uma portaria, na qual ordenava que se lhe dêsse praça de aspirante graduado em guarda marinha, distincção de que não havia exemplo, nem houve depois, quer na armada brasileira, quer na portugueza.

E tanta era já a sua aptidão, que o tempo que podia forrar ao estudo academico o destinava a explicar geometria.

Foi por esta época que começaram as suas relações com os celebres revolucionarios brasileiros, Evaristo e Vasconcellos.

O temperamento ardente do joven guarda-marinha, o seu largo horisonte de idéas, e isto junto ao trato constante com aquelles chefes do partido popular, não podia deixar de influir no seu espirito, voltando-lhe a attenção para as vicissitudes por que então passou aquella bella parte da America. «Bem podera (diz um seu elegante biographo), o sr. Ottoni continuar tranquillamente a carreira que havia escolhido. Se o seu comportamento não se tornasse suspeito, se se houvesse limitado ás suas mathematicas, estamos certos que não teria encontrado em-

baraços. Mas um estudante de intelligencia superior, que travára relações com homens, como Evaristo e Vasconcellos, os anarchistas de, então, que fazia parte de sociedades secretas, e que tinha a audácia de, como escrutador liberal da mesa parochial do Sacramento, advogar com calor a causa popular e propôr que fosse multado o ministro da guerra, um tal estudante não podia pertender as boas graças do poder.»

E assim foi, porque depois de completo o curso de marinha, requereu para continuar o estudo das mathematicas na escola militar, e foi denegada a licença. A recusa, porém, não lhe obstou a que frequentasse como ouvinte as lições do distincto lente de mechanica, Joaquim José Rodrigues Torres, actualmente visconde de Itaborahy, isto na idéa de que mais tarde lhe fariam justiça e lhe seria contada esta applicação.

Mas, ainda d'esta vez se enganára o sr. Ottoni, porque foi exactamente a intimididade que se estabeleceu entre o discipulo e tão illustre professor, que lhe moveu da parte da gente do poder a mais tenaz perseguição. Repetidas ordens de embarque para as costas de Africa e para o Baixo Amazonas avexaram naturalmente o talentoso guarda-marinha, o que o desviou da carreira a que se houvera dedicado, acceitando até depois a baixa, e voltando para Minas Geraes.

A este tempo preparavam-se os mais notaveis successos que deviam abalar o Brasil. Era em 1830. Os mesmos altivos espiritos que sacudiram o jugo da dignidade abatida do povo brasileiro em 1822, reagiam contra a pressão de uma oligarchia, que, debaixo da ficção de uma melhor formula politica, lhe queria continuar os mesmos vilipendios e vexames do dominio colonial. As prerogativas politicas e garantias de liberdade firmadas nos capitulos da constituição, eram apenas mantidas no apparatus vão de um formulario de governo, que de facto as escarnecia todas. O systema representativo era nominal, porque por detraz d'elle estavam os abusos dos ministros, e o genio voluntarioso de D. Pedro I, que recordava, nas demasias, todos os excessos do regimen absoluto. Nem faltaram as perseguições e os cadafalsos. As instituições livres estavam pois verdadeiramente ameaçadas. A oppressão estimulára nobres exemplos de heroismo civico. O patriotismo passou de um sentimento a uma força popular, e de uma força popular a uma actividade poderosa, organizada, intelligente e conspiradora.

A revolução rugia ao longe, e a corôa do imperio oscillava já na cabeça do primeiro imperador.

N'estas circumstancias todos os homens de sentimentos pro-

fundamente nacionaes correram a agrupar-se em torno dos chefes das idéas livres. O sr. Theophilo Ottoni foi um d'estes. A opposição tratou de se organizar. A imprensa não podia deixar de ser considerada a arma mais poderosa da opposição. Foi de certo por conhecer todos os serviços que ella poderia fazer em tal conjuntura, que o sr. Ottoni apparelhou uma pequena typographia na cidade do Serro, onde principiou a publicar em 4 de setembro a folha periodica intitulada *Sentinella do Serro*. Deixemos a um escriptor do Brasil apreciar a influencia que exerceu este periodico nos acontecimentos de então.

«Os contemporaneos sabem a influencia que a *Sentinella* exerceu nos acontecimentos que precederam, acompanharam e succederam a revolução de 7 de abril. Apesar de ser escripta n'uma povoação central, a *Sentinella* estava no caso de realisar grande influencia no paiz, já porque a imprensa da corte, pouco desenvolvida então, não tolhia os movimentos á das provincias, já porque Minas, comprehendendo as vantagens dos governos livres, se tornou o principal centro da resistencia, e já porque era escripta por um talento superior que tornava interessantes todos os assumptos de que tratava.

«As columnas da *Sentinella* eram animadas de um patriotismo verdadeiramente antigo. Nenhum dos jornaes da época profligou com mais talento, com mais calor, com mais eloquencia as fataes desmandas do primeiro reinado. A *Sentinella* inspirava ao povo amor á liberdade, odio á tyrannia, iniciava-o no conhecimento dos seus direitos, e prégava francamente a resistencia á oppressão. A divisa da *Sentinella* era a seguinte: *O fim de toda a associação politica é a conservação dos direitos naturaes e imprescrevíveis do homem; estes direitos são a liberdade, a segurança, a propriedade e a resistencia á oppressão.*»

Mui intencionalmente damos aqui cabida a esta apreciação, a respeito d'este periodico, não só porque elle foi o mais forte baluarte das idéas democraticas, como tambem porque a importancia que as suas doutrinas deram ao seu redactor, o tornaram uma das principaes figuras da revolução liberal. Este jornal tem a valia ao mesmo tempo do primeiro passo politico importante dado pelo sr. Ottoni, e do corpo de dôctrina em que se acham consignados todos os seus principios liberaes.

Em 1834 foi o sr. Ottoni deputado da assembléa provincial. Já conhecido como publicista distincto, na tribuna confirmou todas as manifestações que já havia dado do seu talento.

Em 1837 fez parte da assembléa geral legislativa. A posição que soube conquistar no seio da representação nacional, gran-

geou-lhe a estima de muitos e a admiração de todos. Foi principalmente combatendo as tendencias retrogradadas do regente Araujo e Lima, que a sua palavra arrojada e argumentadora fulgurou nos principaes debates parlamentares. Foi por este tempo que elle levantou tantas das principaes questões que resumem o mais importante dos direitos dos povos e da gerencia dos estados, e de que publicou depois o resumo de algumas na celebrada circular a que já nos referimos. Tornou-se sobretudo notavel o discurso que fez combatendo o direito divino, sustentando as asserções de que a legitimidade do primeiro imperador provinha da revolução da independencia, assim como a legitimidade do segundo derivava da soberania popular manifestada na revolução de 1831; asserções de certo audaciosas, se attendermos ao quadro de circumstancias de então, mas que lhe grangearam sympathias dos verdadeiros defensores das prerogativas populares.

A marcha da regencia Araujo Lima continuava a armar contra si as iras de uma opposição forte: as deputações de S. Paulo e Minas appellaram para as armas: os paulistas apparelharam desde logo uma força respeitavel, capaz de fazer frente ás tropas regulares. A 10 de junho de 1842 rebentou a revolta na cidade de Barbacena. Quasi á mesma hora estavam sendo derrotados os liberaes paulistas na Venda Grande, e se effectuava a retirada da ponte dos Pinheiros. A revolução em Minas ficou por tanto mallograda.

A este tempo, o sr. Theophilo Ottoni estava no Rio de Janeiro onde residia desde 1838. Mal soube d'estes acontecimentos, partiu para Minas a viagens forçadas, correndo os maiores riscos porque era mister illudir a vigilancia da policia. Nada porém o tolheu, porque queria compartilhar a sorte dos seus amigos, empenhados já no pronunciamento de Barbacena.

É larga e cheia de alternativas esta parte da historia revolucionaria do Brasil, cujo desenlace foi o sr. Ottoni propôr aos seus amigos que o presidente interino fizesse uma proclamação ás forças insurgentes, mostrando-lhes a conveniencia de largarem as armas, visto estar pacificada a provincia de S. Paulo, e que esta proclamação fosse apresentada ao chefe militar das tropas da regencia. Não se realisou porém esta proposta, seguindo os acontecimentos, que trouxeram novos receios para as forças populares, e foi só junto da capital da provincia, depois da derrota de Santa Luiza, que os cabeças da insurreição deram o movimento por terminado. O sr. Ottoni, com outros chefes insurgentes, entregaram-se ao sr. marquez de Caxias.

Os odios políticos exerceram então os seus rigores, sendo o sr. Ottoni uma victima d'estes effeitos, porque nem souberam guardar com elle a generosidade devida a um prisioneiro politico. Foi detido na prisão do Ouro Preto, mas apesar de preso não deixou de discutir largamente na folha politica *Itacolomy*, que se publicava então na capital de Minas, todas as questões que tinham compellido os mineiros a pegar em armas; publicou o seu interessante itinerario de Santa Luiza a Ouro Preto, e outros muitos documentos respectivos a esta época da revolução.

Desejou a assembléa provincial de Minas fazer uma representação ao poder moderador em que sollicitava amnystia para todos os compromettidos na revolução de Minas, mas o sr. Ottoni, que só queria dever a liberdade ás deliberações da opinião publica, influiu com a assembléa para que não fizesse tal representação. E tinha razão para assim pensar, pois foi effectivamente a opinião a verdadeira defeza do sr. Ottoni e seus companheiros.

São notaveis as palavras que pronunciou na assemblea provincial do Rio de Janeiro o fallecido José Augusto Cesar de Menezes, auctor da idéa da amnystia : aqui as transcrevemos. « Merecerá aquelles epithetos (*inimigo da ordem publica, ousado, turbulento, vilipendiador das leis*) esse moço, por quem mais se deve encher de orgulho o Serro do que pelas pedras preciosas que rolam pelos leitos dos seus rios; esse moço no qual todas as vezes que penso, digo : — Assim foi de certo Catão na sua idade, esperanças do Brasil, se alguma commissão militar lhe não fizer soltar a cabeça, ou se alguma taça ministrada por algum fingido amigo lhe não corroer lentamente as entranhas ? »

Todo este concurso de circumstancias em favor dos insurgentes teve o seu resultado natural, e o sr. Ottoni foi posto em liberdade, passado pouco mais de um anno, por absolvição do jury de Marianna, em que os votos foram unanimes.

Voltou depois ao Rio de Janeiro, onde se entregou á vida commercial. Este periodo da vida do sr. Theophilo Ottoni é um novo quadro em que elle quasi sempre sacrificou os interesses proprios aos interesses do seu paiz.

Em 1844 subiu a opposição ao poder, e o sr. Ottoni teve uma cadeira na camara dos deputados. Póde-se affoutamente assegurar que foi elle a alma, o guia, o accessor emfim de todos os gabinetes d'esse tempo. Houve quem censurasse a parcimonia com que elle usára da palavra por occasião dos debates parlamentares que então se ventilaram, affirmando que não

queria acceitar a responsabilidade do poder; mas essas arguições desfizeram-se depressa, pois se conheceu a franqueza e integridade d'aquelle nobre character.

E de certo um dos capitulos mais gloriosos da vida publica do sr. Theophilo Ottoni foi aquelle que elle consagrou ao desenvolvimento dos progressos materiaes da sua terra.

É assim que se explica a seu respeito a *Galeria dos brasileiros illustres*: — «Em 1832, quando ninguem pensava em estradas e em navegação de rios, já o sr. Theophilo Ottoni comprehendia perfeitamente a necessidade d'estes grandes melhoramentos. Dominado desde a sua mocidade pela idéa de ligar as povoações do norte e do centro de Minas Geraes com o littoral do Espirito Santo, que fica a poucas leguas de distancia, acolheu com entusiasmo a companhia ingleza, que se propunha navegar o Rio Doce e seus afluentes, e foi um dos seus mais uteis auxiliares. Infelizmente, a companhia, por não estar o paiz então preparado para estas grandes emprezas, ou por falta de recursos, ou por qualquer outra razão, morreu sem realisar a navegação do Rio Doce, que é sem contestação o caminho natural por onde perto de 500,000 habitantes do norte e centro da provincia de Minas, em um futuro mais ou menos proximo, entrarão em communicação com o littoral.»

O mau resultado d'esta companhia não descoroçoou o sr. Ottoni, que em 1846, junto com seu finado irmão, o sr. Honorio Benedicto Ottoni, começou a estudar a navegação do Mucury, que varias explorações indicavam como uma via fluvial de muita importancia. Chegaram a estar approvados os privilegios, porém a crise financeira que depois se seguiu nas praças brasileiras estorvou que se realisasse a empreza. Seja ainda a mesma *Galeria dos brasileiros illustres* que nos dê idéa da latitude e importancia d'este grande commettimento para os melhoramentos materiaes, e vantagens de commercio da provincia de Minas. Eis aqui o que refere aquella publicação:

«Ninguem faz idéa dos sacrificios de toda a ordem que o sr. Ottoni fez para levar avante a navegação do Mucury, que por causa das opiniões politicas do director da companhia encontrou adversarios desde os seus principios. Abandonou interesses muito reaes do seu commercio, vendeu o seu acreditado estabelecimento e deixando as commodidades do lar domestico, ia passar grande parte do anno a disputar aquelles sertões inhospitos ao selvagem e ás feras.

«A navegação do Mucury para o sr. Ottoni não era uma espe-

culação destinada a enriquecer os empresarios á custa da credulidade de accionistas illudidos. Os directores recusaram o favor que a assembléa provincial de Minas quiz fazer-lhes, subscrevendo previamente a quarta parte das acções da companhia que organisassem. Esse favor realisou-se sómente depois que a empresa se achava em plena actividade. Na incorporação provisoria da companhia, feita em 1851 com a emissão de mil acções apenas, o sr. Ottoni e seus parentes subscreveram nada menos de 700 acções. A fortuna por elle accumulada em muitos annos de trabalho ia correr os azares da empresa do Mucury. N'isto, como em tudo o que diz respeito a essa infeliz empresa, sobresaem a boa fé, a lealdade, o desinteresse do sr. Ottoni, e revela-se de um modo inequivoco a confiança que tinha nas vantagens futuras d'essa navegação.

«Os sacrificios do infatigavel director no fim de alguns annos acharam-se de certo modo compensados. Aquillo que ha pouco não passava para muitos de um bello sonho, convertia-se em realidade. O vapor sulcava as aguas do rio, levando o calor da civilização áquellas brenhas, onde pouco antes dominavam as hordas ferozes dos Giporoks. Uma bella estrada, larga e feita segundo todas as prescripções da sciencia, atravessava o mais espesso das matas, e mais adiante, como por encanto, surgia do meio das florestas virgens uma povoação improvisada de um dia para outro, fundada segundo o plano largo e ambicioso dos Yankees. As matas onde ha pouco as tribus de estupidos Botocudos exterminavam-se reciprocamente, entregues ao braço civilisado do mineiro e do colono europeu, transformavam-se em bellas fazendas, em ricas plantações. O commercio do norte de Minas encontrava em fim um caminho facil e commodo para communicar-se com o grande mercado do Rio de Janeiro.

«É realmente admiravel que com o pequeno capital de 1,200 contos o director da companhia podesse fazer tanto. Mais de 50 leguas de estradas regulares, sendo cerca de 30 proprias para rodagem, grande numero de colonos europeos dos melhores que tem vindo ao Brasil, importantes estabelecimentos, vapores para a navegação maritima e fluvial, e muitos outros objectos que representam não pequeno valor, foram obtidos com esses pequenos recursos.

«No ponto em que se achava a companhia, não era possivel recuar. Havia ainda muito a fazer. Era necessario ligar Philadelphia com Minas-Novas por uma estrada de rodagem igual á que d'aquella povoação vae a S. Clara. O sr. Ottoni meditava ainda outras muitas vias de communicação, e muitas outras obras que em pouco deviam mudar completamente a face do norte de Minas e do sul da Bahia.

«Esgotados os recursos da companhia, dirigiu-se ao corpo legislativo, que auctorisou e garantiu um empréstimo de 1,200 contos. Já o governo havia contraído o empréstimo e a companhia recebido por conta 300 contos de réis, quando subito mudaram-se as vistas do governo imperial em relação á empresa do Mucury. O gabinete de 10 de Agosto de 1859 suscitou as maiores difficuldades a proposito do empréstimo, e como solução da questão passou no corpo legislativo uma lei auctorisando o governo a encampar o contracto, o que realisou-se em Março d'este anno.

«N'esta ultima phase da existencia da companhia ainda o sr. Ottoni deu provas do interesse com que procedeu nos negocios do Mucury: não fez questão da indemnisação a que tinha direito pelos privilegios que cedeu á companhia.

«Na administração do Mucury o sr. Ottoni prestou um serviço revelante á causa de civilisação e de humanidade; provou que os infelizes habitantes das nossas selvas não são incapazes de receber o influxo civilizador. Nas suas relações com os selvagens só empregou os meios dignos de um povo christão e civilisado.

«Prohibindo absolutamente que contra elles se empregasse a violencia, affagando-os com presentes e com um tratamento humano conseguiu domar a tradicional fereza das diversas tribus de Botocudos, terror de quantos se aproximavam do centro das matas. Ficou plenamente demonstrado que, o melhor systema de cathequese não é polvora e bala, como até pensam homens mais ferozes do que os selvagens.

«Não é só isto. O sr. Ottoni esclareceu um ponto obscuro da historia dos nossos aborigenes. Antes da descoberta do Brazil a costa de Porto Seguro era habitada por selvagens da raça dos Tapuios. Muitas tribus da raça dos Tupis invadiram a costa e obrigaram os antigos habitantes a internarem-se pelas matas. Os Tupis, sob differentes denominações, são os selvagens que os portuguezes encontram na costa, e com os quaes contrairam a mais intima alliança. Passados muitos annos, os Aymorés, Abatiras, Pataxós e outras tribus tapuias desceram das suas serras, accommetteram os portuguezes e seus alliados Tupis, e installaram-se na colonia que de rica e prospera tornou-se mineral. Desfructaram por algum tempo a sua conquista; mas afinal, vencidos pelas forças que o governo da Bahia mandou contra elles, regressaram ao centro das matas.

«A questão historica a resolver era a seguinte: Quaes os descendentes actuaes dos Aymorés, Abatiras, Pataxós, etc.?

«Na ausencia de dados positivos suppoz-se que os Botocudos eram os descendentes dos Aymorés. Esta hypothese não contestada ia passando como verdade historica.

«O sr. Ottoni, depois de amplos e minuciosos exames, chegou ás seguintes conclusões: 1.º Todas as tribus que habitam ao vale do Mucury pertencem á raça dos Botocudos; 2.º Antes d'estes, habitaram aquellas matas selvagens de outra raça mais civilizada, da qual restam vestigios no sólo, como tapéras, telhas de antigas habitações, etc.; 3.º Esta raça foi disimada pelos Botocudos, e seus ultimos representantes, sob os nomes de Malalis, Machalis, etc., ha alguns annos apresentaram-se em um quartel no Alto dos Bois, pedindo a protecção dos christãos, que os transportaram para o Jequitinhonha onde existem aldeados; 4.º Os Malalis e Machacalis, mais intelligentes, mais aptos para receberem a civilização do que os Botocudos, pertencem incontestavelmente á raça Tapuia, e são portanto os descendentes dos valentes Aymorés. Todas as tribus de Botocudos pertencem á raça estúpida dos Tupis.

«O sr. Ottoni adduz minuciosamente as provas d'estas proposições em uma interessante carta que em 1858 escreveu ao sr. dr Joaquim Manoel de Macedo e que corre impressa.»

Para acompanhar as diversas alternativas da vida d'este homem tão benemerito para o Brasil, é indispensavel abranger uma vasta esphera de acontecimentos e interesses, porque difficil se torna traçar o seu esboço biographico sem ter de fallar das circumstancias mais graves da historia moderna do Brasil, e por isso o vemos quasi simultaneamente sendo o impulso da direcção de empresas collossaes, como as de Mucury, e ao mesmo tempo presidente do Monte Pio Geral, porque foi eleito em 1853, cuja administração o torna credor da estima de todos que avaliam estes institutos hamanitarios. O fundo do Monte Pio era de 614:000\$000 réis, em 1853, e no fim de 1857 montava a 1.531:000\$000 réis. Não é mister outra demonstração para fazer a apologia da gerencia do sr. Ottoni.

Em 1851 foi chamado para tomar assento na camara dos deputados, mas não acceitou o convite, e resignou. Em 1856, havendo a idéa de prehencher as vagas deixadas pelos obitos dos marquezes de Paraná e de Valença, o sr. Theophilo Ottoni dirigiu ao corpo eleitoral mineiro uma circular, em que de novo explicava a sua antiga opinião de dever ser temporario o senado brasileiro. Não obstante não se apresentar candidato n'essa circular, teve do corpo eleitoral para mais de 900 votos.

Quando chegou o anno de 1859 pensou em volver de novo á vida politica, o que fez apresentando-se francamente candidato á eleição de senador, logar vago pela morte do barão de Pontal. D'esta vez obteve o primeiro logar na lista triplice. Repe-

tiram-se depois estas demonstrações, o que mostra o conceito em que é tido, chegando até a fazer a declaração de que se não propunha candidato á vagatura deixada pelo fallecimento do senador Luiz Antonio Barbosa, o que não obstou a que os seus eleitores o elegessem de novo. Foi só na eleição de deputados geraes para a legislatura de 61 a 64, que o sr. Ottoni tomou novamente o lugar no parlamento. Foi por esta occasião que escreveu a famosa *circular*, a que temos tido occasião de nos referir por mais de uma vez, circular que é ao mesmo tempo uma memoria completa de toda a sua vida publica, e um valioso documento para a historia politica de 1829 até 1860.

Não é só nas sciencias moraes e politicas que o sr. Ottoni figura como um dos talentos mais encarecidos no Brasil; é tambem em todos os ramos da philologia, escrevendo opusculos e dissertações que confirmam o seu profundo saber litterario e o seu fino tacto critico. A *Noticia Historica* ácerca da vida e obras do seu fallecido tio, o poeta José Eloy Ottoni, não póde deixar de ter um lugar importante nos trabalhos de analyse da historia litteraria do Brasil. Mas o litterato não esqueceu o politico e a proposito da paraphrase dos proverbios de Salomão, o analysta saltou por cima dos limites puramente litterarios e converteu o versiculo — *Per me reges regnant*, o famoso proverbio onde o direito divino entre nós tem ido buscar a sua origem e authenticidade, n'um thema politico, que desenvolveu com o vigor de raciocinio e sciencia latinista que todos lhe reconhecem. A gravidade do ponto disculido e o rigor critico com que é exposto convidam-nos a trasladar para aqui esta parte do seu opusculo.

«É n'um dos capitulos dos — *Proverbios* — que vem o tão fallado texto — *Per me reges regnant*, — o qual, traduzido como o servilismo o traduziu — *o poder dos reis vem de Deos*, — foi a origem d'esse *devaneio* que a europa chama — *legitimidade*.

«Sem se afastar um ápice do sentido rigoroso da *Escriptura*, a *Paraphrase dos proverbios* torna patente que para derivar de tal fonte a doutrina ultramontana de que — *o poder dos reis vem de Deos*, — foi mister recorrer-se a mais de uma fraude piedosa. Por quanto não sómente se destacaram aquellas palavras de um corpo geral de doutrina, que toda se resume assim — a sabedoria é a regra de bem proceder para todas as idades, estados e condições — como além d'isso subtendeu-se que o — *me* — do fragmento subtraido era alli pronome de — *Deo*, — quando sómente o é de *sapientia*.

Eu vou collocar o texto latino ao lado da paraphrase, e tenho

assim boa occasião não só para demonstrar a minha asserção, como para facilitar meios e dados com que os entendedores possam reconhecer que com os seus profundos conhecimentos philologicos em latinidade e na lingua vernacula, com a elegancia de sua dicção, com a pureza de sua linguagem castiça, José Eloy Ottoni era verdadeiramente um traductor de genio.

Cap. 3.º dos Proverbios de Salomão

12.

12.

Ego sapientia habito in consilio,	Eu sou a sabedoria
et eruditus intersum cogitationibus.	Que delibero em conselho ;
	Assisto aos judiciosos,
	Tanto ao moço como ao velho.

13.

13.

Per me reges regnant, et legum	É por mim que os reis imperam
conditores justa decernunt.	<i>Nos corações por amor ;</i>
	As minhas leis é que formam
	O sabio legislador.

Fecharemos este bosquejo biographico, não com palavras nossas, que podem ser tidas por suspeitas, mas com os dois periodos que arrematam um escripto analogo, dedicado ao mesmo representante do partido liberal brasileiro. São estas as phrases a que alludimos :

«Os inimigos do sr. Ottoni em todos os tempos fizeram-lhe crua guerra, reconhecendo-lhe porém intelligencia superior e honestidade a toda a prova. Seus amigos e correligionarios depositam n'elle a mais cega confiança. O partido liberal de todo o imperio considera-o seu chefe. Os liberaes mais esclarecidos e que desejam ardentemente que o partido se eleve á posição que deve occupar no Brasil, lamentam que o sr. Ottoni, levado pela natural bondade de seu coração, não se resolva a dirigir o partido com mais decisão e energia.

«O sr. Ottoni é actualmente o homem mais popular do imperio e o idolo do partido liberal. A sua posição de chefe popular é a mais honrosa, a mais elevada que um cidadão pôde ambicionar em

um paiz livre; mas ao mesmo tempo envolve uma tremenda responsabilidade. Se o sr. Ottoni não souber usar do poder que os liberaes lhe confiam; se, levado pelo receio de offender susceptibilidades particulares, deixar de dirigir o partido como o deve fazer um chefe, o futuro lhe tomará contas muito severas.»

J. DA C. F.

CONTOS

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

II

EM CASA E NA RUA



relógio da Sé acabava de bater dez horas. Minutos depois o sino parochial da Magdalena repetia compassadamente igual numero de pancadas.

Sobre as ruas desertas pairava immensa tristeza. A trovoadá, que toda a tarde fuzilára por cima das montanhas, além do Tejo, tinha-se avisinhado lentamente, e estava eminente. O ar abafava de morno, e de espaço a es-

paço uma rajada de vento, semelhante a gemido prolongado, passando por cima das aguas, vinha soltar como um lamento dorido sobre a capital em trevas.

A chuva, rara a principio, e depois frequente, fustigava as vidraças, e esparralhando-se nos telhados, chapinhava nas pedras das calçadas, caindo em fio das biqueiras. No céu nem uma estrella. Na cidade escuridão cerrada. Uma profunda mudez, surda até dos confusos e longinquos rumores, que se levantam do seio

das povoações adormecidas, e que são como o respirar nocturno de seus amplos pulmões, tornava ainda mais lugubre e sepulchral o aspecto da capital.

Por entre as figas das taboas mal juntas da porta de mestre Braz qualquer curioso, advertido pela restea de luz pálida da candeia, se quizesse deter-se e espreitar, poderia aperceber o vulto do anão, sentado, ou antes agachado, e entredido em despachar ao serão um remonte de urgencia. Mais abaixo, dobrada a esquina para o becco, rasgava-se a estreita janellinha da morada da «Menina dos olhos pretos.» As vidraças e as portas de dentro abertas, e a rotula levantada, diziam que o somno tambem não pousára ainda ali. A habitação corria tão rente da rua, que subindo dois degraus do poial fronteiro, e enfiando a vista pelo aposento, em um volver de olhos facilmente se descobria tudo para dentro.

O castiçal em cima de um velador de pau santo dava claridade ao quarto, pequeno, mas alegre, que rescendia áquella fragancia da pobresa limpa, que luz cem vezes mais do que a opulencia desmaselada. Um toucador singelo com o espelho pregado na parede entre alvissimas toalhas; uma jarra da china estalada na bocca e vasia de flores sobre outra mesa do lado opposto; e duas, ou tres cadeiras antigas de assento de couro, compunham a mobilia remoçada pelo apuro de incessantes cuidados.

Ritta, inclinada sobre o velador, rematava um bordado em tela transparente, tão fino de lavores, que se lhe cegava quasi a vista de acompanhar os pontos da agulha, que voava entre os seus dedos. No furtivo sorriso, que nascia e expirava á flor dos labios, arqueando-os graciosamente, no olhar meigo e inquieto, que desferiam as pupilas por entre as longas e assedadas pestanas, no ardor momentaneo que lhe afogueava as faces de neve, e logo desmaiava na suave e costumada palidez, em fim no suspiro comprimido, que, de quando em quando lhe fazia arfar o peito, quem tivesse escutado a conversação de mestre Braz com a tia Angelica adivinharia de certo sem difficuldade as incertezas de uma donzella, quando espera com alvoroço, mas com o coração repartido entre o desejo e o receio.

Voltava pela terceira vez pé ante pé do vão da janella, e teria apenas pegado na costura, quando um furacão repentino, sacudindo a casa, como se quizesse arrancal-a dos alicerces, entrou pela casa dentro, quente como uma golphada de lume, arrebatou-lhe o bordado das mãos, e apagou a vela subitamente.

As portas bateram e fecharam-se com estrepito; o tecto e o pavimento gemeram; e a voz da avó, perguntando sobresaltada pela causa do ruido, veio acabar de confundir a assustada Ritta, a qual perplexa e comovida não sabia a que acudisse primeiro, se á janella, aonde batia rugindo a tempestade, se ao quarto d'onde a unica amiga da sua infancia amiudava as vozes.

Estendia o braço, apalpando nas trevas, para encontrar o castiçal, quando um immenso clarão, que allumiou tudo em roda, e o estampido de um trovão, estourando perpendicular, a petrificaram de terror. Erguendo machinalmente os olhos baixou-os logo deslumbrada. Viu os céos abertos, e os raios sulcando de fitas tortuosas a escuridade. Torrentes de chuva, no meio dos silvos e bramidos do vendaval desfeito tornavam pavorosa a lucta dos elementos.

Cobrindo o rosto com as mãos e curvando-se, como a flor melindrosa, a donzella caiu de joelhos e rezou. Só depois de alguns instantes, e confortada pela oração, é que teve animo de ir á janella e de a fechar. Accender depois a luz, entrar á pressa na sua camara, apenas enfeitada pelo pequeno leito rodeado de cortinas brancas, seu ninho virginal, e atravessar de lá por um corredor estreito até á alcova da avó, não a demorou momentos. A velha, crendo piamente ser chegado o fim do mundo, balbuciava e tremia, chamando por-Nossa Senhora. A presença da neta, o rolo bento, e o milagroso registo de Santa Barbara reanimaram-a. As duas ajoelhando, encommendaram-se então com fervor á valiosa intercessão de S. Pedro Gonçalves, de S. Simeão Stelita, e de toda a corte do céu entre ladainhas e preces, cortadas de exclamações e sobresaltos.

Quando a maior força do temporal se desvaneceu as palpebras da avó, que tornára a recostar-se, cederam ao peso dos annos e á fadiga da agitação; a falla sumiu-se-lhe na garganta; e a cabeça pendida descaiu de todo sobre a almofada. O somno apoderou-se d'ella inteiramente pela segunda vez.

Em quanto em casa de Ritta acontecia o que acabámos de descrever tocavam á porta de mestre Braz, a principio de leve, e por fim com os copos de uma espada. A hora, a occasião, e mais que tudo a temerosa noite não se figuravam muito opportunas ao corcunda para visitas instarem com tanta impaciencia. O anão, que nos exercicios de ajudar á missa, rezar o terço, e pedir para as almas, tomára com o altar aquella devota familiaridade, que realça a compunção dos servos de Deus encanecidos no serviço da egreja, em quanto trovejára

ao longe encolhera os hombros, e franzira as sobrancelhas, continuando a puxar o fio, ou a assentar o corte á faca do officio; mas os furacões cresceram tão violentos uns apoz outros, a luz electrica repetiu os clarões com tanta frequencia, a chuva de pedra saltou nos telhados com tamanha furia, e a enchurrada da rua despenhou-se com tal ruido, que o medo começou a trespassar a alma do virtuoso confrade de S. Crispim.

O mesmo espantoso trovão, que tanto amendrontára Ritta, paralisou no ar os dedos do sapateiro, quando apertava o ponto conforme os preceitos da arte. Tornado estatua, escorregou-lhe das mãos o fio, e dos joelhos a obra, e com a vista pasmada e a bocca retorcida gelou-se-lhe nas fauces o grito que desejaria soltar. Por um esforço heroico quasi conseguiu recolher-se todo semelhante ao marisco, dentro das cavidades das gibas; e só decorridos instantes é que levantando-se pallido e estonteado, achou em si alentos para começar a resmungar trechos mal cerzidos de orações, metade em latim de orelha, metade em portuguez de sacristia. Depois, largando sovela, cabedal, e remontes, enviou os passos com o garbo do caranguejo, desde a puida tripeça até a uma especie de armario vasado na parede, discreto confidente de seus papeis e receitas, e mettendo ao accaso a mão por uma das prateleiras, tirou de cima d'ella, e arremessou ao chão agastado um livro das cavallarias dos dose pares de França, a historia de — la linda Magalona — impressa em hespanhol por Antonio Alves em 1625 e o — livro do infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo — estampado em Lisboa no anno de 1644 na officina de Domingos Carneiro. Por fim acertou com o tomo que buscava. Era um volume de capa de pergaminho suja e lacerada, todo amarrotado, encebado, e crivado de signaes nas folhas. Montou os olhos no cavallete do nariz, poz os joelhos em terra, e principiava a ler por elle, a oração do — Justo Juiz — e o cantico de — Magnificat, — quando as pancadas descarregadas de fóra na porta, o advertiram de que se o ameaçavam as iras de Deus de telhas acima, de telhas abaixo não teria menos que receiar talvez da maldade dos homens.

«—Bata com a cabeça!» rosnou o corcovado, cosendo-se com a parede, e volvendo para a entrada um olhar assustado. «E esta! Aqui por acaso é alguma estalagem?»

Callou-se, e com o ouvido á escuta aguardou em silencio que os hospedes mal vindos se affastassem. De balde. Passados instantes redobraram os golpes, e mãos vigorosas abanaram as

pranchas carunchosas com tanto poder, que o anão transido ouvindo estalar a madeira, cuidou que uma quadrilha de ladrões lhe assaltava a casa, e já principiava a temer que porta, alisares e couceiras, tudo de proecta idade, lhe desabassem de chofre em cima da cabeça, partidos, ou arrancados os lemes e ferrolhos.

Na realidade o conflicto era apertado.

Se abrisse expunha-se a um mau recado; se resistisse podia pagar capital e juros da demora. Optou pelo primeiro alvitre, e já se encaminhava para a sahida do seu agulheiro, quando novo trovão, rebentando com um estrondo que aballou a casa, acabou de lhe decepar as forças e tolher os movimentos. Esquecido de tudo, em vez de acudir aos incansaveis pontapés disparados contra a porta, apertou os mãos na cabeça, exclamando: «Jesus! Santa Barbara! De certo caiu raio!»

«— Abra mestre, senão vae dentro! » gritou de fóra com imperio uma voz cheia e irritada.

«— Ahi vai! Espere! Ahi vai! Quem é? » replicou o sapateiro, fazendo-se de mil cores e com certa prisão na lingua.

«— Boa pergunta! Abra e saberá! »

Não havia remedio. A porta nos paroxismos, gemia com tanta fraqueza, que mostrava estar por pouco. O anão benzendo-se, cobrindo-se com ella da primeira estocada, tirou a tranca de pau, e correu os fechos com a mesma visagem, com que o atirador noviço desfêcha o gatilho da espingarda.

«— Entre quem é! » disse com a alma nos dentes e uma lagrima em cada olho.

Entraram duas pessoas embuçadas, escorrendo agua como se acabassem de sahir de um banho tomado no patrio Tejo.

«— Deus seja n'esta casa! » disse o mais alto, medindo em um relanceiar da vista a loja, o anão, e os gloriosos instrumentos do officio. Depois em quanto tirava e sacudia a capa, e encanava dos bicos do chapéo para o chão um verdadeiro ria, cho accrescentou: «Com que então mestre queria que nadasemos como peixes?! Muito medo, ou muita surdez, anh? Que diz?»

«— Surdo, mestre Braz Topete, cuja lingua é a thesoura do bairro, e que tem ouvidos para escutar da porta o que se fallar baixo até no terceiro andar? Não acredite.» Volveu o seu companheiro, que era menos alto, porém não menos desenvolto nas meneiras e fallas.

O sapateiro estremeceu ouvindo aquella voz. Um arrepio correu-lhe, como um presentimento, toda a região lombar. Parecia que os queixos e as costellas se lembravam e advertiam.

Estatico, de braços pendentes, de oculos á bolina, e não ousando proferir uma palavra tremia de adivinhar.

O seu enleio durou pouco. O segundo hospede largando a capa ensopada, e descobrindo a cabeça, mostrou-lhe as feições detestadas do alferes, amante de Ritta.

«— Então, continuou o mancebo rindo para o outro hospede, não apostei bem que o mestre não dormia? Gosta de sua nesga de serão, e nunca d'sse que não a um passeio por alta noite. Conhecemo-nos muito. Elle bem sabe!»

Cada palavra era uma lançada no coração do corcunda, tremulo de medo e de raiva. Se os olhos assassinassem os seus como duas ballas tinham de certo varado o peito do alferes. Aquelle riso e aquellas picadas de alfinete no seu amor proprio de curioso depois da severa correcção, que descrevemos, endoideciam o anão, que nunca teve maior odio á especie humana, do que n'este momento, em que via sobranceira alguns palmos á sua cabeça a desempenada estatura do homem, contra o qual desejaria possuir as forças de Hercules para o affogar com um abraço. Entretanto, comendo comsigo a desesperação, e fazendo-se forte para encobrir o susto, disse virado para o primeiro que entrára:

«— Poderei saber o que os senhores procuram n'esta casa?»

«— Póde! replicou o mais alto. Estamos aqui, porque não podemos estar na rua; primeira razão. Batemos á sua porta, porque vimos luz; segunda razão. Arrombou-se-me um sapato e precisa de concerto, ultima razão. Vamos, mestre! Sevela e fio nas unhas! Andar, que tenho pressa.»

«— Tão tarde!!!

«— Ouça! Vê estas pratinhas? Ganha-as se me cose o sapato. Vê agora esta espada? Corta como uma navalla.... sobre tudo orelhas.... e as suas são dois abanos. Parece-lhe claro? Aviar!»

O corcunda olhou para o semblante do interlocutor, medio o comprimento da espada, sommou mentalmente o valor das pratinhas promettidas, e sem replicar estendeu a mão á obra e á recompensa. Era tão estenso na agudeza como curto nas proporções do corpo. Os dois bojos com que a providencia munificente o tinha brindado podiam dizer-se dois verdadeiros armazens de malicia e de cubiça.

O alferes, medindo o espia de seus amores com um olhar de escarneo, que escaldava o sangue nas veias ao anão, applaudia de vez em quando as contorções d'aquella phisionomia hypocrita com uma risada, que fazia quasi chorar o mestre. O seu companheiro, sem mesmo tornar a honrar o enfurecido Topete

com outra ameaça, puxou para si o moxo, que servia de mirante ao corvocado, sentou-se n'elle, e descalçando o sapato, entregou-lho silenciosamente.

Depois, em quanto Braz com a barba sobre a obra atropelava os pontos para ver mais depressa fóra de casa os incomodos freguezes, os dois ataram de novo a conversação, como se o compadre da tia Angelica não existisse; e apesar d'elle, fingindo-se distrahido, apurar as immensas orelhas, nenhum fez caso dos gestos, que lhe escapavam, quando certos reparos venciam a natural dissimulação.

«— Segundo vejo, disse o cavalheiro ao militar, o senhor alferes é muito d'este sitio ?

Já o encontrei de tarde, ali defronte, em casa do barbeiro, e agora á noite no caes da pedra!... Ciumes ou amores, ia apostar?...»

O sapateiro esgueirou sobre o mancebo um olhar atravessado, engolio uma imprecação, mas teve a prudencia de coser a bocca com mais consciencia, do que o cabedal.

O alferes, que se tinha conservado de pé, não se mostrou lisongeado com a pergunta, nem com o modo porque lhe fóra feita.

«— Talvez a mesma razão que o trouxe ao senhor a estas horas e com esta noite á rua da Padaria, ou ás suas vizinhanças! atalhou córando e tossindo para disfarçar o enleio. » Se lhe perguntasse o motivo, accrescentou fitando o companheiro, talvez não m'o dissesse? »

«— De certo não. Guardo os segredos para o confessor. »

«— Tambem eu. É o mais seguro. »

Estas poucas palavras, trocadas em tom quasi altivo, pozeram termo por alguns momentos á pratica, não sem magoa de mestre Braz.

«— O seu regimento está na corte? » interrogou d'ahi a pouco não sem um certo ar de auctoridade o primeiro interlocutor.

Pouco satisfeito da supremacia, que o estranho se arrogava, o alferes esteve quasi soltando um dito picante; mas contemplou a physionomia cheia de nobreza, e o garbo das maneiras do homem, com quem fallava, e arrependeu-se. Contentou-se com replicar secamente:

«— É o regimento de infantaria de Antonio de Moura. »

«— Quartellado ao pé de Santa Clara? »

«— Isso mesmo. »

«— Muito bem. É moço, senhor alferes, e uma espada em boas mãos sempre abriu caminho. »

O mancebo suspirou, e encolheu os hombros.

«— Parece-lhe que não? Desconfia de si? » acudio o compa-
nheiro ao qual não escapára o suspiro, nem o gesto dubitati-
vo. « Acaso julga que ha de entrar mais depressa a fortuna pôr
casa a um pobre, que rala a vida medindo panno ás varas desde
que amanhece até que se põe o sol, ou a algum estafado escre-
vente, que chega á noite com o pulso aberto de encher folhas
á raza, como aqui em cima, no palacio dos tabelliães? »

«— Se quer que lhe diga, o peor dos tres officios é o meu. »

«— Officio! A nobre carreira das armas!... Não esperava... »

«— Em ouvindo por força me dá razão. Medir panno ás va-
ras não era para o filho de meu pae, porque pobreza nunca
foi deshonra. Se a nossa casa caiu em desgraça vá a culpa a
quem toca, porque devendo e podendo não paga. »

«— Ah! É fidalgo? Bem me parecia!... De casa illustre? Titu-
lar talvez? »

«— Illustre sim, titular não. O nosso orgulho é conservar o
nome dos avós. Sou dos Azevedos do Minho. »

«— Bom tronco e excellente familia. A coroa deve-lhe muito.
Então o seu devedor faz-se esquerdo? »

«— O meu devedor?... É tão poderoso, que nem posso quei-
xar-me d'elle, e tão esquecido, que andaria mendigando por es-
sas ruas sem que elle me dêsse ao menos uma esmola. Não
tarda! »

«— Cite-o. Justiça d'el-rei com elle.

«— Se o devedor é el-rei mesmo!... Meu pai gastou no servi-
ço do Estado quanto tinha, e mais do que tinha. Deram-lhe
cedulas e um alvará de promessa. Ficou tudo em branco se-
gundo o costume. »

«— Nem sempre. Mas se os serviços de seu pae são taes, e
prestados... »

«— Na India, na Africa e na ultima guerra atalhou o man-
cebo. Foi como se os não tivesse feito. Bem se lembram os se-
nhores da côrte do velho, que morreu, ou do filho sem protec-
tores! »

«— Fallou ao secretario de Estado? O que disse Diogo de Men-
donça? »

«— Abraçou-me; chorou; disse mil cousas. Lagrimas de cro-
codillo! Vai em dois annos que se está rindo de mim.

No entanto como boas palavras não dão pão, e tenho de sus-
tentar minha mãe, velha e quasi entrevada — uma sancta que
merecia melhor sorte! — vendi umas oliveiras ao pé da Cha-
musca, vendi o recheio da casa, tudo em fim que havia de algum

valor... e hontem mesmo, ajuntou córando e sumindo a voz, foi tal o lance, que até empenhei a folha da espada. Trago uma de pau, e estes copos de ferro por apparencia.

«— E se houvesse parada, e el-rei fosse a ella? Observou o interlocutor.

«— Valia-me o ser porta-estandarte! »

«— A folha da sua espada empenhada! »

«— A necessidade é negra. Cuida que se veste e calça e se põe a mesa com o apoquentado soldo de alferes, e ainda por cima com o atrazo de dois quarteis? »

«— No seu caso sabe o que fazia? »

«— Diga.

«— Tornava á audiencia de el-rei. »

«— Fui. Mandou-me ao secretario. »

«— Ia ao secretario. »

«— Assim fiz. »

«— E elle? »

«— Encolheu-se, alquebrou-se, e disse: requeira a el-rei! Não volto lá. »

«— Volte. Talvez seja mais feliz. »

«— Succede-me o mesmo. El-rei manda-me ao secretario... »

«— Vá. »

«— O secretario diz-me que falle a el-rei... »

«— Falle. »

«— E depois? »

«— Diga a ambos.... »

«— Que vão pentear monos ao Brazil? Bem o mereciam! »

«— Olhe, quer que lhe diga? Se fosse capaz de dizer isso... com o genio de el-rei, quasi que posso assegurar-lhe... »

«— Que dormia essa noite em uma torre? Bem sei. »

«— Não. Que o despachava. Sua Magestade gosta de um bom dito a proposito. »

«— Pois tomo o seu conselho. Amanhã vou á audiencia; vou ao ministro; ando de Herodes para Pilatos, e acabo por lhes dizer a ambos na cara.... »

«— Que vão pentear monos ao Brazil? Não. diz! »

«— Tenho a paciencia por um fio. »

«— Não é capaz. Ah! mestre está a obra prompta? Parou a chuva, e são mais de que horas de nos recolhermos. Boas noites! Com que então sempre quer dizer a el-rei, ou ao ministro?... »

«— A ambos! »

«— Muito riria el-rei da cara de Diogo de Mendonça! !... »

«— Que ria, ou chore é para mim é igual. »

«— Não desanime. »

«— O dito, dito, no caes da pedra.

E o alferes embuçando-se na capa sahiu atraz do companheiro, o qual rindo em alta voz, não cessava de exclamar: Se elle será capaz! Oh a cara de Diogo de Mendonça com uma d'estas na bochecha! Se o rapaz falla esta noite não foi perdida.»

Mestre Braz, depois de contar as pratinhas aparadas no concavo da palma, e de as sepultar na insondavel algibeira dos calções, entrou-se no capote, poz o idoso chapeo na cabeça, encostou com ruido a porta para se julgar, que a fechava, e apagando a candeia, não podendo resistir á curiosidade, arriscou-se a seguir o mais alto dos dois freguezes pela rua acima, na esperança de que moraria perto, e não lhe perderia o resto.

A providencia reservava-lhe o premio das tribulações passadas. A noite ia no meio, mas as aventuras, que havia de cobrir com as suas trevas, póde asseverar-se que só agora começavam.

L. A. REBELLO DA SILVA.



POETAS E PROSADORES

(CARTAS A ERNESTO BIESTER)

V



aymundo de Bulhão Pato foi hontem á caça, e vae bater os montados frequentes vezes.

Sabes tu que o prazer cruento de matar as innocentinhas filhas das florestas — as mansissimas aves nascidas com a nossa especie na mesma semana da criação, e aviventadas ao mesmo *fiat* do Senhor — não é que move o poeta a ir saborear-se no selvagem deleite de erguer da terra uma codorniz ensanguentada e archejante?

Não é, decerto.

Bastar-me-hia a duvida para eu lhe não invejar o seu ruim sentir; e logo protestar, em nome das candidas almas dos sinceros poetas, contra quem os injuriasse, dando ao matador de avesinhas um titulo, que obriga a brandura, dó, sentimentos meigos, amor a tudo, e incapacidade de causar dôr a folego vivo.

Bulhão Pato, com certeza, não é caçador por vangloria de radicar sua genealogia em Nemrod.

Caçador de almas é que elle é o doce poeta. Por amor á regene-

radora poesia dos campos, das agulhas das montanhas, dos ribeiros que serpeam ás abas das collinas, dos presbyterios, da toada saudosa dos sinos gementes de quebrada em quebrada, por tudo isto, que é o remanso dos animos agitados em vertigens d'esta vida doentia de Lisboa, é que o nosso Bulhão Pato se vae ás serras, de espingarda, polvorinho e rêde, a dar azas á inspiração, e não a quebral-as ás povoadoras do céo, que por lá o ajudam a cadenciar as suas melodias. Se isto assim não é, quero e preciso que seja assim.

Observa tu, Ernesto, que a poesia de Bulhão Pato prima em enfeitar-se com as galas antigas dos amantes da natureza; porém, as boninas, os tomilhos, as verbenas, as madresilvas sabe elle entrançal-as de geito que parecem novas as corôas, e mais encantadores os matizes.

A cada pagina d'este seu affectuoso livro encontras uma e muitas imagens campezinhas: nem uma só poesia, que te não rebrilhe aljofrada pelos orvalhos da aurora, ou colorada pelos arreboes do crepusculo. Onde aprendeu o poeta a combinação das côres, que mais aprimoram os breves, mas tão peregrinos paineis d'esta sua galeria? Foi lá, na aldeia, na encosta, na esplainada, nos fragoêdos, onde, em vez de bandos estridentes de perdizes, lhe saem os serenos e amantissimos genios a offertar-lhe abadas de flores.

Olha tu esta primeira poesia, que é um mimo de dulcissimo sentimento a *Helena*, por quem e para quem foi feito o livro. Verás que o poeta colheu da arvore bemdita da saudade os grãos do incenso, que vaporam de quantas poesias ahi vês, avocando o coração ás passadas alegrias do campo.

É a recordação de um lance infinitamente mavioso. HELENA e o poeta vão subindo a elevada encosta:

*Chegára o fim do outono: a natureza,
Sem ter os mimos da estação festiva,
Nem aquelle esplendor e gentileza
Que tem na quadra estiva
Na languida tristeza,
Na luz branda e serena
D'aquelle ameno dia,
Que immensa poesia,
E que saudade respirava, Helena!*

Helena, no dia natalicio dos seus vinte annos, vae levar «os dons do lar paterno» á sua serva entrevada,

*Aquella pobre ancian, que se agarrava
Aos restos d'esta vida !*

A mão alvissima do anjo da caridade entre as mãos crestadas da enferma, produzia

Efeito similhante

*Ao que, por entre o mato,
Produziria a rosa de Benguella,
A flôr mais alva, e de mais fino trato !*

Choravam ambas, a consoladora, e a velhinha do casalejo da serra. Vê tu esta selecta e breve sublimidade de uma comparação:

*Como orvalhos do ceo aquelles prantos,
Um brilhava na hera das ruinas,
Outro na flor de festivaes encantos,
Na rosa das campinas.*

Este doce cantico, doirado pelo sol que alumia felizes dias, triste como tudo que não olha a esperanças, mas, assim mesmo, cheio de coração, fecha assim a introdução do livro :

*.....D'aquelle dia
E de outros dias de intimas venturas,
-De immensa poesia,
Nasceram essas paginas obscuras
Que hoje a teus pés deponho
Como saudoso emblema
Do tempo em que sorria
O nosso bello sonho !
Terias um poema,
Se tão gratas memorias
Podessem ser cantados n'uma lyra
Votada a eternas glorias !
Emfim : se um pensamento,
Se uma singela idéa onde transpire
O perfume de vivo sentimento,
N'estas folhas traçar a minha penna...
A estrofe, o canto que o leitor admire,
Seja o teu nome, Helena !*

Bulhão Pato foi entre os poetas, que ainda hoje representam a

escóla romantica, o que mais cedo floriu, e mais depressa grangeou fama. Como a amendoeira, a mais louçã e mais temporã a vestir-se das galas da primavera, a creança de ha quinze annos, já tão celebrada em seus primeiros versos, dava a reccar que os germens precoces não vingassem, como acontece áquella arvore, aberta em flores ao sol tépido de fevereiro.

Nos sertões do norte, onde chega raro som das lyras de Lisboa, repetiam as damas com a graça que lhes ensinava a infantil musa de Bulhão Pato aquelle mimoso conto, que principia assim :

*Tu queres que eu conte um sonho que tive
Não sei se acordado, não sei se a dormir ?
Foi todo singelo, foi todo innocente :
Tu coras, sorriste, tens medo de ouvir ?*

Não cores, escuta...

E as circumspectas mães de familia escutavam o sonho do poeta, desejando talvez que suas filhas encontrassem quem as amasse com igual respeito, e as beijasse com quanta innocencia os beijos sonhados presumo eu que tem.

Bulhão Pato estiara algum tanto no fervor com que se dera a conhecer e bem querer do publico. Algumas poesias, leves, mas de lindissimas azas, lhe voavam do coração á pagina do jornal litterario, ou (que indigna paragem!) ao folhetim do libello politico! Isto, porém, era pouquissimo para o muito que o poeta promettêra.

As melhores primaveras iam passando, silenciosas, tristes, sem regorgeio de aves, sem aquella abundancia das primeiras flores, bem que o aroma as relembresse.

Correu a boa nova de um poema de Bulhão Pato; e logo o sr. Alexandre Herculano prefaciou o primeiro canto com louvores muito de obrigarem o poeta a desvelar as noites de mezes e annos, invocando e esperando a liberal inspiração, que tão donosa e esbelta lhe segredára as primeiras estancias da *Paqueta*.

O talentoso moço estava n'uma edade em que os milagres do estudo e do recolhimento só póde operal-os a cubiça de renome.

O temperamento de Bulhão Pato é indocil mesmo ao estímulo da gloria. Carece aquella alma de andar ás soltas folheando o livro da natureza, cujas paginas raro se abrem, nos seus mais formosos capitulos, áquelles que a estudam no gabinete incansavelmente. Assim é, e sublime deve ser o ir-se o espirito por esse azul do céo além, por essa prata fóra das ondas lampejantes, por esses verdes

copados das florestas, por tudo em que a alma se está como enleada, scismadora, e celestialmente melancolica. Tudo isto accende engenhos e os desabrocha em poemas; mas, se o remanso da solidão não segue o devanear inquieto do espirito, quer-me parecer que o melhor d'esses embrionarios poemas lá lhe fica enthesourado, incommunicavel e inexprimivel. O que, de passagem, n'um intervallo quieto de seus enlevos, o poeta nos dá, é escassamente a sombra das imagens de suas delicias ou tristezas.

Dou, como exemplo, se algum ha que valha a prova d'este meu juizo, o que ahi está impresso de Bulhão Pato n'este livro dos seus VERSOS.

Que nos está dizendo esta formosa cadeia de canções amorosas, umas amor, outras caridade, outras lagrimas, todas, porém, coração? Não sei eu ver e sentir bem estes versos, se aqui não ha a poesia mais espontanea, a mais santa, a mais á flor da alma!

Começou na alvorada da vida aquelle sensitivo engenho a tecer a sua corôa de flores; depois entrançou-lhe murtas, e cyprestes, os emblemas todos das vicissitudes de uma existencia de trinta e tres annos. A grinalda ahi está: é assim que os grandes poetas, desprendidos das mesquinhas affeições, se corôam, uns com maior feixe de flores, outros com uma só de cada especie; mas, lá na ideal craveira do sentimento, os espiritos de Bulhão Pato pairaram na altura onde subiram os mais remontados cantores. A differença está em que Lamartine escrevia uma ode de duzentos versos bafejados pela inspiração de Bulhão Pato: isto procede de que o poeta de Elvira se dava oito horas de recesso no seu gabinete; e Bulhão Pato escrevia a lapis, na sua carteira, em oito minutos, a sua commoção, em quanto a vehemencia o arrobava. Não hei de eu por isso acoimal-o de esteril, de indolente, nem se quer de descultivador do seu muito engenho. Bulhão Pato é assim. Pedissem lá a Anacreonte que estirasse as suas pequenas lyricas, que elle rejeitaria a immortalidade a preço da gloria de difuso metrificador.

Está em pleito agora uma contenda, que, a meu ver, não terá solução alguma, que preste um capitulo mais á historia do espirito humano.

Dizem litteratos de grande porte, e dos mais celebrados em França, que a poesia não póde continuar n'esta rôta que tem trazido desde que os poetas, mais ou menos adstrictos ao ideal do coração, se sequestram das turbas, empinando-se em uns phantasiosos e altissimos mundos donde não podem chover pão e carne sobre a humanidade. Um diz que a «poesia formulada, e medida, a poesia em verso está por pouco» (palavras da sublime refutação de Castilho em desaccordo com Pelletan.)

Outro quer que o poeta se gose do seu ideal; mas ideal elevado, vivente, chamado virtude, religião, moral.

D'aqui surde o prescreverem ao poeta «deveres».

Ha de o poeta, portanto, discorrer em philosophias, emendar a viciosa conformação social com leis de trabalho, jarretar as garras á fome, alvitrar o melhor modo de vestir os nús, quebrar algemas de escravos, e conglobar, emfim, as miserias da humanidade em um ideal perfectivel, onde todo se funda o seu engenho, quer chorando, quer imprecando, quer fulminando.

Sublime desejo!

O poeta, na sonhada vespera de uma transformação social, seria o Baptista, o precursor do segundo Christo. Renasceria n'elle o espirito dos prophetas que annunciaram aos carnifices do mundo romano a redempção das victimas.

E, para em tudo se honrarem com a egualdade dos destinos e proposito da comparação, quebrariam o braço como os prophetas, na roda inquieta e indomavel da má fortuna, que arbitra o modo de ser da humanidade!

Deixar lá com os seus esplendentes paradoxos a França.

Cá temos o maximo poeta, o poeta das lagrimas, das flores, dos infelizes, e das creanças, a luz vivida d'estes descoloridos tempos, o thesouro insubmergivel n'este pelago de borrascas revoltas, cá temos o nosso Castilho mostrando a olhos de todos o sacro lume, e aquecendo com elle os animos intanguidos. É elle que diz:

«... De sobejos annos a esta parte refervemos todos n'uma continuada revolução, ora tempestuosa e á superficie, ora surda e recondita, ora tenebrosa, ora resplandecente. É uma fermentação geral, que não se interrompe; é um revoltear insoffrido de todos e cada um ás portas cerradas do porvir. N'estes momentos de absorpção, de preoccupações, de incertesa, até os bardos se fazem obreiros, pelejadores, intrigantes, covardes, ou scepticos; se algures se conserva a poesia é nas creancinhas e nos passaros...»

Ah! aqui, meu querido mestre, foi V. Ex.^a menos condoido das dôres que ahi vão no seio dos poetas silenciosos, dos poetas, que passaram das alphombras dos jardins ao regêlo das abobadas das secretarias. Eram pobres avesinhas que não acharam no eirado dos fazendeiros um grão esquecido da feracissima colheita, que os taes fazendeiros grangeavam com egoista e muitas vezes infame labutar e suar. Que haviam de fazer elles, os cantores do céo, se não baixarem aos telhados das secretarias, e espreitarem azo de impleirarem-se no poleiro das pessoas graves, bem jantadas, bem calçadas, bem vestidas, e bem acolhidas nos festins dos proceres, onde, hoje em dia, nem o lacrimoso Tolentino ganharia perna de peru?

Pobres poetas callados! se elles continuassem a cantar, até os tendeiros se fariam formigas para lhes dizerem o desdenhoso palavriado que a faminta cigarra ouviu, córada até ás orelhas, se a amarellidão da fome a deixava córar!

E, depois, estes poetas perderam mesmo a fé em si, e no seu apostolado, quando viram o proprio Victor Hugo duvidar de sua missão reformadora, exclamando:

C'est peut-être le soir qu'on prend pour une aurore.

Peut-être ce soleil vers qui l'homme est penché,

Ce soleil qu'on appelle à l'horison qu'il dore,

Ce soleil qu'on espère est un soleil couché.

Fieis á poesia, áquella virgem meiga e triste que se esconde entre moitas de flôres para não vêr nem ser vista, são por certo aquelles que dariam tres partes da vida por terem em cada dia do seu curto praso uma hora como todas as horas de Antonio Feliciano de Castilho.

Aquelles, porém, que, á imitação de Raymundo de Bulhão Pato, empedrados no meio d'este acerbo mundo que lhes está giando sempre o desgosto, ainda recebem em cheio peito um raio de luz, e estremezem, e se apaixonam, e se abrem n'uma torrente de ira ou amor, de supplica ou de sarcasmo, estes não são os poetas silenciosos; são os que, de espaço a espaço, conseguem diluir em lagrimas o fel do intransitivo calix do talento.

Lá mesmo em Tibur, não é bem amargo o calix de Castilho?..

Adeus, Ernesto.

Havia de fallar-te hoje d'um livro de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, conforme te prometti; mas tu, decerto, destinas as restantes paginas do teu jornal a assumptos mais de se lêrem. Será no seguinte numero.

Os teus leitores são bons e pacientes; mas tambem querem não ser tentados a perderem aquellas excellentes qualidades.

Lisboa—1863.

Teu affectuoso,

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

CESAR NO EGYPTO

(Excerpto da traducção inedita da Pharsalia de Lucano
pelo Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho.)

Continuado de pag. 296

..... Acudiu-lhe
prompto o Santo Achoreu nestas palavras :
— «De nossos grandes padres os segredos,
«segredos ante o vulgo, ante os profanos,
«franqueal-os a ti, Cesar, me é licito.
«Maravilhas calar crêm ser piedade ;
«eu não : grato aos Celicolas me julgo
«quando amostrô o que hão feito, e quando aos povos
«suas sagradas leis ensino, espalho.

«Astros, do ceo fugaz retardadores,
«astros, cujo cardume o polo investe,
«por lei fundamental d'este universo
«sortiram entre si funcções distinctas.
«O sol comparte o anno ; extrema os dias ;
«tolhe co'o mago influxo de seus raios
«que da orbita fuja um só planeta.
«Turba a versatil lua o mar e as terras.
«A zona glacial coube a Saturno ;
«ventos, raios, a Marte ; a Jove, o clima
«temperado, suave ; á madre Venus,
«a geração de tudo. O senhorio

«do pelago infinito é de Mercurio.
 «Quando este lá nos ceos attinge a plaga
 «que une o Cancro ao Leão, onde arde o Syrio,
 «e onde o Zodiacal circulo occupa
 «o Capricornio e o Cancer (sob o Cancer
 «é que a matriz do Nilo está sumida);
 «naquelle prazo a ponto, o Rei das aguas
 «dardeja-lhe um corisco; a fonte rasga-se;
 «brota caudal o rio; inunda as varzeas,
 «qual o mar trasbordante em plenilunio;
 «e só depois que as noites recobraram
 «as horas que lhes furta o sol do estio,
 «para a solita veia se recolhe.

«Foi crença, crença vã d'outras edades,
 «provirem lá das neves da Ethyopia
 «estas cheias do Nilo; essas montanhas
 «nada têm de commum com Ursa ou Boreas,
 «a mãe e o pae do gelo. A prova queres?
 «tem-l'a na côr do povo ao sol tismado;
 «tem-l'a nos quentes sues que de lá sopram.

«Nota mais: que onde os rios vem das fontes
 «já grossos de caudaes filhos das neves,
 «é só na primavera, amenos dias
 «em que o ar brando e morno as descongela;
 «mas o Nilo não cresce antes do prazo
 «em que estúa a canicula, nem baixa
 «recolhendo-se ao alveo, antes que a Libra
 «pése horas por igual á Noite e a Phebo.
 «Logo, a nossa corrente ha leis mui outras.
 «No inverno, quando o sol lhe anda mais longe,
 «não levanta escarceos; fervendo o estio,
 «galga as margens, aos campos se arremessa.
 «Se o Leão lá dos ceos vomita incendios,
 «oppõe-lhe inundações; abriga, salva,
 «refrigera, consola, adíta o mundo.
 «Se arde Syene sotoposta ao Cancer,
 «pranteia; o Nilo a escuta; o Nilo a salva;
 «o Nilo, que as planicies lhe não deixa
 «senão depois que Phebo entra no outono,
 «e já na ilha de Méroe estende as sombras.
 «Quem destrinça os porquês d'estes prodigios?

«Foi a suprema autora, a natureza,
 «quem fez d'elles ao Nilo um privilegio;
 «agradeça-lh'o a terra.

Outro erro antigo

«suppoz causal diversa ás nossas cheias:
 «atribuiu-as aos Zephyros, que sopram
 «em quadra certa, e largos dias reinam
 «por estas regiões. Deu azo á crença
 «o verem que estes ventos varrem, levam
 «as nuvens do Occidente além do Noto,
 «e vão toldar com ellas a torrente.

«Fantasiou-se tambem: que bravejando
 «contra as fozes do Nilo, o obrigariam
 «a arripiar o curso, e a extravasar-se,
 «effeito de que o mar tumultuoso
 «luctou co'o rio enorme arca por arca,
 «e o poz vencido em fuga.

Idéam outros

«haver pelo interior da terrea massa
 «canaes, respiradoiros desconformes,
 «por onde, sem fragor que a denuncie,
 «vagueia a mole aquosa, a qual do Arctôo
 «pelo frio obrigada, á media zona
 «desce, quando arde o sol violento em Méroe.
 «Tisnada a terra então, áquelle ponto
 «faz confluir pelas cobertas vias
 «longes lymphas caudaes de Pado, Ganges,
 «e quantos rios ha, do que resulta
 «que do Nilo a matriz rompe em diluvio,
 «tal que a dar-lhe vasão não basta um alveo.

«Dizem outros: o Oceano abrange o globo;
 «d'elle transsuda o Nilo, o qual, filtrado
 «por tanta terra, e tanta, o humor dessalga.

«O ceo e o sol dos mares se alimentam,
 «crêmos nós; mas o sol no Cancro accezo
 «levanta mais porção do equoreo liquido
 «do que o ar lhe digere; eis porque as noites
 «o amplo excedente ao Nilo restituem.

«Quanto a mim, se me é dado o grão problema,
 «ó Cesar, decidir, tenho outra idéa :
 «Composto o mundo, e já volvidos seculos,
 «imagino que certa porção d'aguas,
 «por força propria, e sem divino impulso,
 «rasgou a terrea crusta e se fez rios ;
 «outra porção porém rompe do bojo
 «desde todo o principio, ás leis adstricta
 «do Creador e Artifice de tudo.

«Essa ambição de conhecer o Nilo,
 «não é nova, Romano : Pharios, Persas,
 «Reis Macedonios, cada gente e idade,
 «todos têm anhelado o que hoje anhelas ;
 «não ha sondar o íntimo do arcano.
 «O maior d'entre os reis que adora Memphis,
 «Alexandre, ha pleiteado ao poderio
 «do Nilo oppôr o seu ; deputa eleitos
 «té aos confins das terras Ethyopicas ;
 «só os detem a avermelhada zona
 «do recombusto polo, e mais não viram
 «do que o rio a ferver. O grão Sesostris
 «atinge o occaso e os terminos do mundo ;
 «levam-lhe o Phario coche os reis captivos ;
 «mas antes beberia os rios vossos,
 «Rhódano e Pado, que do Nilo a fonte.
 «Cambyses, o insensato, invade o Oriente,
 «guerreia os povos de profusa vida,
 «curte asperrima fome, os seus devora,
 «volve, e o Nilo é-lhe incognito. Que digo !
 «nem mesmo a propria fabula se atreve
 «a tão profundo arcano. Em toda a parte
 «onde o Nilo se vê, se busca o Nilo.
 «Gloriar-se de que é seu, qual terra o pode ?!
 «Mas eu rasgo o mysterio ; o Nume, o proprio
 «que esses grandes caudaes governa, esconde,
 «foi quem me iniciou :—Tu surges, Nilo,
 «na zona meridiana ; altivo arrojado
 «te eleva contra o Cancero ardente as margens ;
 «recto investes co'o Boreas e o Bootes,
 «depois vais desvairando á dextra, á séstra,
 «ao poente, ao nascente, aos chãos Arabios,
 «aos areaes da Lybia. Os que primeiro

«visitas são os Séres; e esses mesmos
«te procuram também; logo aos Ethyopes
«caudaloso estrangeiro os campos regas:
«todo o orbe te conhece os beneficios;
«tua fonte ninguém. A natureza
«aos olhos dos mortaes sumiu-te o berço;
«vedou que povo algum te visse infante;
«és para suspensões, não para estudos.
«É privilegio teu pompear no estio
«sob o proprio solsticio; ostentar posses
«quando a quadra brumosa anda por longe;
«teres no teu verão ruído inverno;
«vagueares senhoril de polo a polo;
«da mysteriosa veia este pergunta
«o comêço, outro o fim. Teus caudacs amplos
«abraçam Méroe, a de habitantes negros,
«sob espessura d'ébanos, aquella
«a quem seu frondeo manto aos sóes não furta,
«tão por baixo ao Leão jaz sotoposta.
«Passas d'ahi ás regiões de Phebo,
«sempre caudal, medindo longamente
«areaes maninhos, ora congregando
«todas as tuas forças num só leito,
«ora vago, espraiaudo ao largo as aguas
«da submittida margem transbordadas.
«Logo, avocando as ondas dispartidas,
«em alveo manso as levás por fronteiras
«d'Arabia e Egypto, onde aos confins do reino
«marca Phyle um padrão. Breve retalhas
«sereno as solidões postas d'estrema
«do Mar Roxo ao commercio e ao tracto nosso.
«Quem, ao vêr-te assim placido, creia
«que já vais tantas furias meditando?!
«Mal que do abrupto passo te despenhas
«no abismo das troantes cataractas,
«raivas de que penhascos se te opponham;
«cospes espuma aos ceos; ao largo trôas;
«brame contigo a serra; e ahi vais sem freio
«todo espumeo fugindo. Além se eleva
«a terra poderosa, a que os antigos
«chamaram Abatão; eis a primeira
«que os teus feros tumultos alvorotam.
«Tens apoz, os rochedos que appellidam

«*Pulso do Rio*, á conta de que nelles
«mostras claros signaes das cheias [novas.
«Logo te embargam, Nilo vagabundo,
«montes, que entrar na Lybia te prohibem;
«montes, a cujos pés no valle ameno
«dormes em branda paz calados somnos;
«quem te ahi dá primeira as boas vindas
«é Memphis, que te hospéda em campo aberto;
«e em vez de oppôr-te obstaculos de margens,
«praz-se de que lhe alagues as lavoiras.»—

Té ao meio da noite assim folgaram
os commensaes em praticas de gosto;
nem que a paz mais segura os embalasse.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

A FLOR E O LAGO

Era uma vez um cristallino lago,
E á beira d'elle debruçada flor ;
Que linda flor de namorado afago !
Que lago aquelle de encantado amor !

Ella mirava-se estampada n'agoa,
Elle entranhava a retratada flor,
Ella por dar-se, nem sonhava magoa,
Elle por tél-a, só sonhava amor.

Nem folha sólta, nem travessa aragem,
Toldando o lago, balouçando a flor,
Nada alli vinha desfazer a imagem,
Quebrar o espelho, perturbar o amor.

Assim viviam, mas foi breve o espaço,
Que um vento rijo despegára a flor,
E sobre o lago, que par'cia d'aço,
Soprou-lhe as vagas de baldado amor.

Ai! Vida minha, cristallino lago,
Ai! Tu, que lhe eras debruçada flor,
De vós só resta, em namorado afago,
Doce memoria de encantado amor.

A MENSAGEIRA DO CEO



Estavam sobre relvas, matisadas
de candidas boninas,
tres formosas meninas
brincando com as flores.
A mais nova das tres, inda creancinha,
batia as palmas, fitando
o ceo, onde ia voejando
e chilreando a provida andorinha.

« Ail quem me dera ir assim tão alta! »
exclama a innocentinha —
« Ail quem me dera ir assim voando
« como aquella avezinha! »

Ficou suspirando,
as nuvens olhando,
onde ia voejando
a leve andorinha.
Tão alta voejava,
tão longe a avesinha!
e a linda creancinha
por ella chamava,
e ella não vinha!

E, desde aquella hora, uma tristeza,
impropria de tão branda natureza,
as faces desmaiou da creancinha.
De vez em quando, á mãe, com voz maviosa,
á mãe que a tinha em braços lagrimosa,
pergunta se voltára a avezinha.

— Todas voltaram — lhe dizia a mãe — « A minha
não é nenhuma d'estas ! a andorinha
que eu vi tão alta ir não torno a vel-a!... »
E a mãe quantas passavam lhe mostrava,
dizendo : — la vem ella ! — e a creança olhava,
e dizia a chorar : « não é aquella ! »

Assim n'este anear se foi finando,
em quatro primaveras, esperando
a avezinha !
Morreu ao quinto abril, esperando ainda.
Ja perto de morrer, fez-se tão linda
como flor a quem Deus dissesse : « És minha ! »

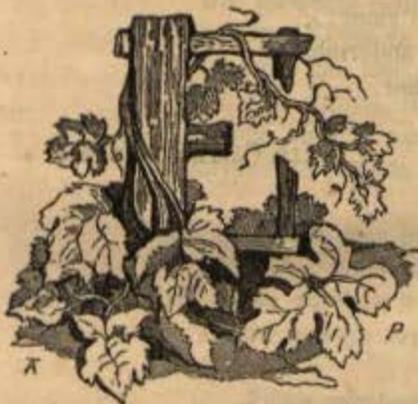
O que isto foi... quem sabe ? !
Em vida e morte ha veus
que á mão do homem não cabe
erguer, tentando a Deus.
Mas ver a creancinha
morrer d'aquelle amor!...
Eu creio que a andorinha
foi anjo do Senhor.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1862

Em Londres

III



stamos já bem longe d'esse dia em que Londres, illuminada pelos raios inconstantes de um palido sol de maio, tão proprio d'aquelles climas, viu abrir as portas do palacio de Kensington á multidão, que se apinhava em torno d'elle, anciosa por ver reunidos os protentos do trabalho industrial do mundo.

Por seis mezes consecutivos estiveram patentes ao exame e admiração do publico todas es-

sas riquezas, vindas de regiões tão diversas e ali accumuladas como tributos pagos á civilisação moderna, até que o mez de novembro, tão tenebroso em Londres pelos espessos nevoeiros do Tamiza, escurecendo a Exposição, fez dispersar aquelle esplendido concurso, e os homens e os productos tomaram o caminho dos seus patrios lares.

As recordações de tão prodigioso espectaculo estão ainda vivas, por que as impressões foram profundas, mas ordenal-as e reproduzil-as em quadro comprehensivel e limitado é, como já dissemos, se-

não impossível, pelo menos difficil, e n'esta difficuldade está a desculpa de uma certa hesitação, que nos embaraça.

Como já não podemos conduzir o leitor por entre as voltas innumeraveis d'aquelle grande labyrintho, para lhe mostrarmos isolados e successivamente cada um dos objectos notaveis que ali se viam, discorreremos livremente, reproduzindo as mais notaveis impressões que recebemos nas repetidas visitas que fizemos ás diversas partes d'aquelle mundo industrial.

E na realidade a Exposição era como o retrato do mundo, reduzido ás dimensões de um grande muzeu: mas note-se que limitamos só a comparação em quanto ás dimensões. A idéa, que predomina na organização dos muzeus, está longe de ser a mesma que preside á formação das exposições internacionaes.

Nos muzeus os naturalistas resumem a criação, grupando inexoravelmente as creaturas segundo as idéas e os planos da sciencia: cada individuo está collocado entre os seus pares: as familias seguem-se ás familias de conformação mais analogas: as classes tocam-se, mas não se confundem nem se associam. Quem vê um muzeu póde ver as creaturas, mas não vê a natureza; ali a policia scientifica está em todo o seu vigor, e aspira á tyrannia.

As Exposições internacionaes, pelo systema até agora adoptado, tem indole mui diversa, são mais livres no seu regimen e levam sobretudo vantagem aos muzeus pelo lado pittoresco. Aqui a primeira base da distribuição dos productos é toda geographica e politica. Cada nação tem as suas fronteiras marcadas e definidas, e o seu territorio livre e independente, e dentro d'elle executa as regras do direito commum e os preceitos da associação internacional, com uma certa liberdade, que caracteriza o seu genio particular, o seu gosto e sentimento artistico. Assim a monotonia, que á primeira vista parece dever resultar da unidade do systema, acha-se disfarçada pela variedade dos productos e no caprichoso arranjo dos materiaes. Em virtude d'esta livre disposição, o caracter de cada povo, a indole de cada raça e o seu estado de civilisação acham-se como retratados pelos objectos expostos e pela fórma de exposição. Quem, depois de haver estudado minuciosamente as exposições particulares dos diversos paizes, que se viam representados no palacio de Kensington, as comparasse entre si, podia fazer idéa, não só do estado de adiantamento e riqueza das nações do globo, mas até do caracter, indole e gosto dos habitantes que n'ellas predominam, achando d'este modo a explicação da sua historia política e colhendo os dados necessarios para estabelecer novas relações commerciaes, alargar ou modificar as antigas, e planear melhoramentos materiaes e sociaes em beneficio commum.

Debaixo d'este ponto de vista as exposições universaes offerecem por certo vasto campo para o estudo dos economistas, dos homens de estado e até dos philosophos e historiadores.

Todas os nações da terra estavam, mais ou menos, representadas na ultima Exposição de Londres pelos seus productos naturaes, pelos seus artefactos e muitas até pelas suas obras d'arte e descobrimentos scientificos e por tudo quanto estabelece o dominio do homem sobre a materia e forças da natureza. Não eram só as nações, como entidades politicas, que ali figuravam, eram tambem os climas com a sua diferente força productiva, as diversas raças da especie humana com as suas aptidões especiaes, e em grande parté as diferentes épocas da civilisação, desde a vida primitiva da sociedade quasi selvagem, com os seus grosseiros productos e singelos artefactos, até aos esplendores e commodos da civilisação moderna. As lanças e azagaias de páo dos miserrimos indigenas da Australia e dos negros da Africa a pouca distancia das armas poderosas e scientificas da Europa, das elegantes peças raiadas e das clossaes Armstrongs. As canoas da Nova-Brunswich quasi em frente dos mais perfeitos modelos dos vasos de guerra da marinha ingleza. Os rudes e grosseiros tecidos de folhas de palmeira e as singelas esteiras da Africa central e occidental, não muito longe das primorosas sedas de Lyão, das rendas delicadas de Bruxellas e dos tapetes e colgaduras artisticas dos Goblins e de Beauvais. Entre os extremos d'estas series que immensa variedade de termos não intercalaram as nações que se acham nos diferentes grãos da escala da civilisação? E a diversidade dos climas e das condições geologicas não deviam achar-se ali apresentadas nos productos da agricultura nos mineraes e nas materias primeiras que a industria trançforma em artefactos de tanto valor? Até, por um singular abuso da liberdade de expôr, parecia que as mais remotas épocas da historia humana, e raças hoje extintas, quizeram ainda ser representadas pelos seus productos n'este concurso industrial. Assim nas Exposições do Peru e da Republica do Equador viam-se varios objectos da industria dos povos indigenas da America anteriores á conquista, entre os quaes nos ferio com particularidade a attenção um martello de prata, figurando uma cabeça humana, e tambem certos fragmentos de adreços de ouro dos proprios Incas, que todos revelavam que aquelles povos conheciam os processos metallurgicos, e até possuiam notavel sentimento artistico. De mais remotas épocas vieram ainda os enseites e ornatos de ouro, que se viam na Exposição do Egypto, e pertenceram a uma princeza, que floresceu nas margens do Nilo quinhentos annos antes da época de Moysés.

Todas as regiões e climas, todas as épocas historicas, todas as ra-

ças e sociedades humanas, todas as artes industriaes e as sciencias que se occupam do melhoramento das condições materiaes da nossa existencia, tudo alli se achava representado. Era a demonstração palpavel do progresso, nas suas tentativas, nos seus sublimes esforços, nos seus renhidos combates, nas suas brilhantes victorias, nas suas grandes aspirações a que só o poder de Deus porá limites.

IV

É na realidade consolador o vêr que n'estas grandes revistas de trabalho humano, a que se chamam Exposições Internacionaes, nenhuma nação, grande ou pequena, adiantada no progresso ou insipiente no trabalho industrial, se recusa á comparação; e que todas, comprehendendo o grande alcance d'estes concursos ou congresso, dos operarios da civilisação, se prestam de melhor fé, e com o mais ingenuo entusiasmo, ao exame das suas forças productivas, sem receio de serem prejudicadas nos seus interesses ou na sua reputação, mas antes com o profundo convencimento de vantagem propria e utilidade geral.

Comparando entre si as tres grandes exposições, que successivamente tiveram logar em 1851, 1855 e 1862, vemos que a affluencia dos expositores e dos productos tem rapidamente crescido e por tal modo, que este augmento, a continuar na mesma progressão, póde no futuro dificultar a repetição d'estes concursos, pelos obstaculos materiaes, inherentes ás gigantescas construcções, que inexoravelmente reclamam.

Em 1851, na exposição que teve logar no palacio de crystal de Hyde-Park, em Londres o numero dos expositores, nacionaes e estrangeiros foi de 13.937. Na Exposição Universal de Paris, no palacio da Indústria dos Campos Elysios figuraram 22.243 expositores, francezes e das outras nações. O valor dos productos expostos, não comprehendendo o formoso diamante chamado Estrella do Sul, nem os diamantes da corôa, que estiveram expostos na rotunda do Panorama, subiu a 75 milhões de francos.

Na ultima exposição de 1862 o numero dos expositores que tomaram logar no palacio industrial de Kensington subiu a 27.429 e não se póde ajuisar com precisão nem do numero nem do valor dos objectos expostos.

Não é facil fazer pelos catalogos a contagem rigorosa dos expositores, não só pelas imperfeições d'aquelles documentos, mas principalmente por causa do grande numero de exposições collectivas, que foram desdobradas, como era de justiça, pelo jury para se poder avaliar o direito de cada individuo ás recompensas: entre tanto,

para dar uma idéa aproximada do contingente com que contribuiu cada nação, exporemos aqui os números que nos parece terem mais auctoridade.

Inglaterra e suas colonias	8:763
França e suas colonias.....	5:495
Zollverlin (Liga aduaneira da Allemanha).....	2:875
Italia e Roma.....	2:123
Austria.....	1:410
Hespanha	1:133
Portugal	1:130
Belgica	863
Suecia e Noruega.....	827
Russia.. ..	659
Suissa.....	481
Hollanda.....	385
Dinamarca	299
Grecia	282
Brazil	230
Ilhas Jonias	177
Estados Unidos	74
China e Japão.....	37
Peru.....	} 196
Uruguai.....	
Venezuela	
Madagascar.....	
Costa Rica.....	
Africa Central o Occidental.....	
Liberia	

Não se pôde dizer, pela simples leitura d'esta lista, que o numero dos expositores dá a medida da importancia das exposições particulares ou o valor industrial de cada estado. A comparação do numero dos expositores, ainda mesmo feita dentro de cada classe, não pôde ter uma significação muito extensa e absoluta. A estatística sem a critica não tem valor algum. É erro deploravel o suppor que o numero, em todos os casos, constitue força, e que a multidão tem sempre valiosa importancia. A utilidade e merecimento de um edificio não se pôde calcular pelo numero dos materiaes que entram na sua composição. Para os homens de bom senso as pyramides do Egypto ou o mosteiro de Mafra teem menos importancia do que qualquer pequena torre levantada sobre um rochedo da costa para supportar um d'esses faroes, que fazem a gloria de Fresnel e salvam

do naufragio milhares de navegantes, ou a modesta edificação que, durante muitas gerações, serve de escola aos filhos do povo.

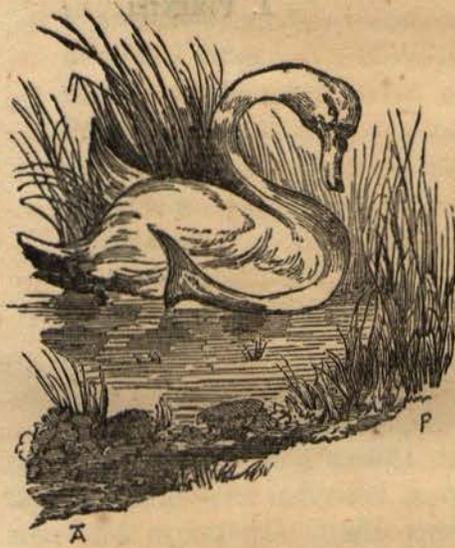
Entre tanto, apesar de que tambem na exposição o numero não equivale á força e prestimo, comtudo a maior affluencia dos expositores, que successivamente se nota em taes concursos, mostra que da importancia d'estas se vae fazendo mais justo apreço, e que maior é o numero dos que aspiram a ser contados como trabalhadores no campo commum da civilização.

Ponhamos de parte as desigualdades naturaes e inevitaveis: o que é verdade, e verdade christã, é que todos os productores, todos os que se esforçam para accrescentar o inventario da riqueza dos estados, quer os seus productos sejam complexos ou singelos, de grande ou modesto valor, todos elles concorrem para o bem geral, e por isso todos os que trabalham, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, sabios ou ignorantes, teem a sua parte, brilhante ou modesta, na gloria d'este seculo.

(continúa)

J. PIMENTEL.

CHRONICA LITTERARIA



into verdadeiro jubilo, e até gloria, em exercer hoje a missão de chronista litterario. Um grande acontecimento, uma novidade rara, rarissima, se me apresenta. Publicou-se um livro, um livro firmado por uma senhora. Acresce mais, firmado pela mesma senhora que tem honrado com a sua apreciavel collaboração as paginas da *Revista Contemporanea*. O véo de que as duas iniciaes A A encobriam o rosto, rasgou-se afinal. Quantas vezes reclamei eu o distincto privi-

legio da revelação? Mas a extrema modestia da escriptora prohibia-m'o sempre. Forçoso era obedecer-lhe. Intendia porém, a recusa, e intendendo-a, respeitava-lhe o melindre, acatando-lhe mais profundamente o talento. Não era a vaidade, não eram as aspirações da celebridade, não era o empenho de renome que a levavam a confiar ao papel os bellos e sentidos devaneios da sua imaginação. Era sim, uma intima vocação, um desafogo necessario, uma ardente vontade de se instruir. Quem a conhece pessoalmente, quem

se louva de merecer a sua convivencia, é que pôde verdadeiramente avaliar a finura do seu espirito e as valiosas prendas de que é dotada. Nunca nas suas interessantes e deliciosas conversações transparece a menor affectação, o mais leve indicio que deixe advinhar a mulher que cultivava as letras, que manifesta cultival-as, e que se ufana de cultival-as. Nota-se-lhe sempre a mesma singeleza no dizer, a mesma graciosidade natural, o mesmo relevo e saber desprezenciosos. A consciencia rejeita-lhe a ostentação. Nos breves traços que eu em seguida copio a descreve Julio Cezar Machado, ao fechar a preciosa introdução que abre o livro.

«É uma natureza simples e dulcissima; o seu respeito pelo talento toca a devoção, e tendo quanto se requeira para tomar attitude de rival, é como amiga que se apresenta tão despida de pretensões, como se não as pudesse justificar todas.

«Tenho-a encontrado em diversissimas situações; sempre o mesmo ar sereno, affavel, resignado, santo. Nunca foi d'essas poetisas de lapis atraz da orelha, e é extremamente superior para ter vaidade, que é a tolice do orgulho; orgulhosa sim, deve-o ser, e se o não é de si mesma, é porque, altiva das qualidades de quem estima, não tem occasião de se gabar das suas.»

Luz coada por ferros, intitula-se o livro da Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Augusta Placido. É um titulo tão verdadeiro como triste. Deixa logo perceber que taes paginas nasceram em horas de tormentosas angustias e amargas provações! E nasceram; basta lê-las para ganhar o convencimento. Nas *Meditações*, sentem-se os arrebatamentos de uma nobre alma que a desgraça exalta em vez de quebrantar. Ha ali o desaforo supremo, a apostrophe vehemente, a ironia pungente que a dôr provoca, que a indignação legitima, que o desprezo arranca. Mas ha tambem ali o reflexo de um grande coração engrandecido no martyrio, experimentado na lucta, e exemplar na resignação. Tão depressa ergue cheia de fé, os olhos para o céu, como os fita desesperada na terra. Todas aquellas paginas estão orvalhadas de lagrimas, de lagrimas que doem e de lagrimas que consolam. Bem do fundo sahiram as que se transformaram nas seguintes linhas que explicam e recommendam o livro; eil-as: *Á memoria de minha irmã D. Maria José Placido.*

«Mais alto podia ser o monumento da minha saudade, sempre viva; comtudo não excederia este, onde foram depositadas as lagrimas que a desgraça, no seu requinte de crueldade, o opprobrio e a ignomonia arrancaram a meus olhos.

Grande parte d'estes escriptos nasceram na calamitosa época do carcere e do escarneo dos meus algozes, nunca saciados das torturas que me infligiram. Dedicar-te-hei, pois, estas paginas, onde

por vezes apparece o teu nome como a estrella da manhã rompendo a custo das sombras pesadas da noite: é um dever sagrado. Foste a minha unica amiga n'este mundo: não conheci affeição mais verdadeira.....

«Se tu, lá do céo, lanças a vista á terra, ó minha querida irmã, pede ao Senhor que me adoce este meu ultimo transito, e proteja o orphão, que tanto amaste, no escabroso caminho da vida. São estas as unicas aspirações de um coração crucificado pela dor e pela crueza de um máo destino.»

Que profundo sentimento não traduz esta tão singela como eloquente dedicatória? Era a sua unica amiga aquella irmã e roubou-lh'a a morte! A confidente das alegrias dos primeiros annos só agora pôde ser confidente das desgraças atravez da lage do sepulchro! Sempre a fatalidade!

Além das *Meditações*, o livro contém varios romances bem urdidos, que primam no delicado desenho dos caracteres, no fino relevo das paixões e no mimo e elevação da linguagem. *Adelina* e *O amor*, são dois pequenos quadros intimos, mas vivos de colorido, esplendidos de luz, e cheios de interesse.

Nas scenas affectuosas presente-se que as dictou um coração de mulher. Sobresáem pela verdade dos sentimentos e pela finura dos toques.

O que realça, porém, o merecimento do livro, é o estylo, que não só ostenta flores e poesia, mas tambem uma locução toda portugueza. A auctora da *Luz coada por ferros*, promete, n'este ponto, continuando a cultivar as letras, como é de esperar e desejar, promete obter entre os cultores nacionaes o logar que a auctora da *Lelia* conquistou entre os francezes. Vê-se que a Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Augusto Placido, junta ao bello talento que a distingue uma illustração conscienciosamente adquirida.

Vejo-me obrigado, por falta de espaço, a guardar para a chronica seguinte as apreciações de tres livros excellentes: *Estrellas propicias*, por Camillo Castello Branco; *Esboço biographico de Martinez de La Rosa*, por L. A. Rebello da Silva; *José Estevão, esboço historico*, por Freitas Oliveira. Concluirei com uma boa nova tambem litteraria: Julio Cezar Machado, vai publicar um novo livro que se intitula *Historias para gente moça*.

ERNESTO BIESTER.